

Itápolis: futebol e agronegócio

Foto: Sené

Itápolis é conhecida no Brasil e no exterior como a capital da laranja. Não é para menos, pois pouco mais de trinta anos do plantio do primeiro pomar comercial, a cidade hoje com cerca de 38 mil habitantes, se orgulha em ter 15 milhões de pés de laranja plantados e 20 milhões de mudas produzidas em viveiros telados.

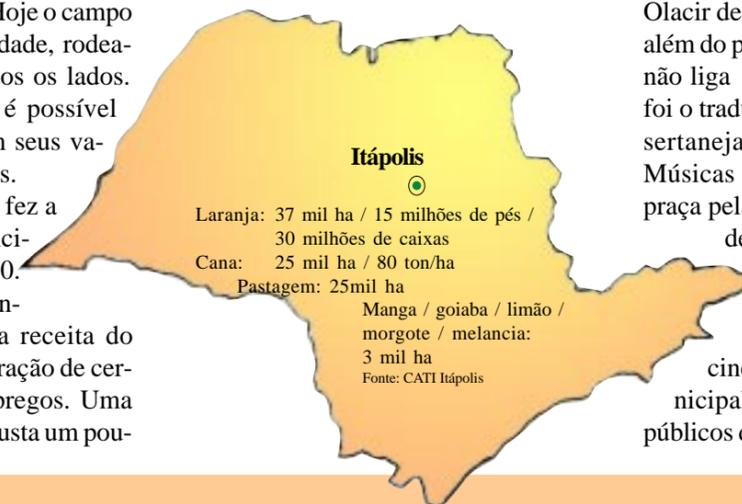


Mas neste início de 2004, Itápolis vem sendo lembrada mesmo como a cidade do Oeste, o caçula da primeira divisão do futebol de São Paulo. Uma façanha que começou em 1997 com a rearticulação do time local. O Oeste venceu todas as divisões, até chegar à primeira. A história do time, fundado há 83 anos, se confunde com a da cidade, de 141 anos. No início Itápolis era um vilarejo que se desenvolvia junto às fazendas de café, assim como o campo do Oeste. Quando a bola era chutada com mais força pela lateral, a partida era interrompida, e todos os jogadores corriam pelo meio do cafezal à procura da única bola do jogo. Hoje o campo fica no centro da cidade, rodeado de casas por todos os lados. Das arquibancadas é possível ver os quintais, com seus varais cheios de roupas.

Foi a laranja que fez a cidade crescer, principalmente nos anos 80. Até hoje ela é a grande responsável pela receita do município e pela geração de cerca de 70% dos empregos. Uma dependência que assusta um pou-

co a prefeitura. A doença dos citrus é uma ameaça constante, por isso a Secretaria Municipal da Agricultura está instigando os pequenos produtores a buscar alternativas. A diversificação da fruticultura pode ser uma saída. A cidade já é grande produtora de melancia e manga. A intenção é atrair indústrias de transformação para agregar valor ao produto primário e fazer crescer os empregos urbanos. Uma experiência que já está dando certo.

Uma grande fábrica de doces em conserva se transferiu do Nordeste para Itápolis. Outras pequenas fábricas estão absorvendo toda a produ-



ção de tomate, manga e goiaba para a produção de polpa. As três maiores indústrias locais estão diretamente ligadas à produção agrícola: uma de suco; outra de óleos vegetais e sabão; e uma terceira que começou produzindo bombas d'água e hoje é uma grande indústria de estruturas metálicas.

A cidade se desenvolveu muito rapidamente. Tem 100% de asfalto, água encanada e rede de coleta de esgoto, mas o tratamento está sendo readequado devido ao crescimento populacional. Itápolis tem duas faculdades e, além delas, oferece um dos cursos profissionalizantes mais disputados do Brasil. O aeroclube da cidade forma pilotos para a aviação civil, agrícola, de treinamento, planadores e ultraleves. As vagas são disputadíssimas.

Itápolis também se orgulha de ter filhos famosos, como os empresários Olacir de Moraes e Lázaro Brandão, além do poeta Zé Fortuna. Para quem não liga nome à fama, Zé Fortuna foi o tradutor de clássicos da música sertaneja, como Índia e Saudade. Músicas que ainda são tocadas na praça pela banda municipal. A cidade é pequena, mas cheia de histórias para contar e de exemplos para seguir. A prefeitura mantém o único cinema da cidade, o Cine Municipal, um dos únicos cinemas públicos do país.



“Agronegócio na Escola”: 11 mil alunos em 2004

Ao entrar em seu quarto ano, o Programa Educacional “Agronegócio na Escola” da ABAG/RP, está 11 vezes maior do que em 2001, quando 956 alunos participaram do projeto piloto.

Com um crescimento paulatino e sustentado, o programa envolverá neste ano mais de 11 mil alunos e cerca de mil professores. Duas novas Diretorias de Ensino: Ribeirão Preto e São Joaquim da Barra, passam a integrar o programa ao lado das Diretorias de Jaboticabal, Sertãozinho e Franca.

As ações continuarão a ser desenvolvidas de acordo com a proposta inicial. Voltado aos alunos da primeira série do ensino médio, os temas relativos à dimensão e importância do agronegócio são apresentados pelos próprios professores, especialmente capacitados para tal, de forma multidisciplinar, no dia-a-dia de suas respectivas disciplinas.

A agenda do programa está definida. Terá início nas reuniões de planejamento pedagógico das escolas.

No mês de março o Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Roberto Rodrigues, fará uma palestra para os professores. Defensor da necessidade de investir mais na educação, o ministro Roberto Rodrigues, um dos grandes líderes do agronegócio brasileiro, tem participado e contribuído com este Programa desde o início.

Em abril, todos os professores visitarão empresas associadas à ABAG/RP, para ver de perto o que o agronegócio representa para a região e como os conceitos poderão ser inseridos na sala de aula. Ainda em abril, será lançado o primeiro concurso do ano, um concurso de redação, aberto a todos os alunos participantes, com o tema: “Agricultura, Tecnologia e Meio Ambiente”. Os autores dos melhores trabalhos de cada uma das 68 escolas, de 34 cidades, receberão como prêmio uma visita à Agrishow/04.

De maio a novembro, todos os alunos visitarão as empresas associadas da ABAG/RP. Verão na prática os

conceitos teóricos estudados. Em outubro, acontecerá um grande encontro dos professores, para avaliação do trabalho do ano e apresentação de críticas e sugestões.

Em novembro, encerrando as atividades, mais dois concursos serão realizados: um de frases e outro de desenhos, para avaliar a percepção do tema agronegócio entre os alunos.

Durante o ano letivo as escolas também promovem ações relacionadas, como feiras de ciências e de profissões, trabalhos de pesquisa, montagens de peças de teatro, etc.

O Programa “Agronegócio na Escola”, abre um leque de novas possibilidades. Conhecendo melhor a região e as oportunidades que ela oferece, o Programa contribui para a diminuição da evasão escolar, para o maior entrosamento entre professores e alunos, entre coordenadores e professores. Maior interesse pelas matérias, que sintonizadas com a realidade ganham outro sabor e reacendem a esperança e a confiança no futuro.

Editorial

Tecnologia e a fome

O Brasil foi brindado, em fevereiro, com a visita do agrônomo Norman Borlaug. Na década de 60, Borlaug abraçou um programa de treinamento e de transferência de tecnologia, focado no aumento da produção de alimentos em regiões pobres e populosas. O problema da fome não foi resolvido, mas milhões de pessoas foram salvas da morte por desnutrição. O empenho rendeu-lhe o reconhecimento mundial e o prêmio Nobel da Paz de 1970.

Nos 12 dias em que visitou regiões produtoras, ele mostrou-se impressionado com os avanços quantitativos e qualitativos da agricultura brasileira. Avanços resultantes das tecnologias desenvolvidas pelas instituições de pesquisa nacionais e adotadas pelos produtores, com o apoio dos órgãos de extensão rural.

O pai da “Revolução Verde”, aos 88 anos de pura vitalidade e lucidez, aponta para uma nova revolução na agricul-

tura mundial nos próximos 30 anos. Afirmo que o Brasil terá papel preponderante neste novo cenário, não apenas pelo potencial de ampliação de sua fronteira agrícola, produzindo alimentos para uma população mundial crescente, mas também como difusor de tecnologias tropicais, testadas e aprovadas. Ele estima que 85% desta demanda virá do aumento da produtividade das áreas hoje cultivadas.

Por isso, Borlaug enfatiza a necessidade de investir em pesquisas na área da biotecnologia. Neste escopo, ele afirma que a transgenia fará pela produção de alimentos o que o melhoramento de sementes e o desenvolvimento de insumos e equipamentos fez nos últimos 50 anos. Conclui dizendo que na ausência de evidências de efeitos danosos, quem é contra produtos transgênicos usa argumentos cegos e sobrepõe o sentimento à razão e à lógica. Palavras e feitos de quem entende de Paz!

Mônica Bergamaschi

Biodiesel: fonte de desenvolvimento social e crescimento econômico

A capacidade de resposta do agronegócio aos grandes problemas mundiais faz com que uma das atividades mais antigas da humanidade seja, ao mesmo tempo, imprescindível e moderna.

O filósofo Umberto Eco, ao ser questionado, na virada do milênio, sobre a tecnologia que havia marcado os últimos mil anos, surpreendeu ao responder que foi o campo, pelo domínio das técnicas de plantio das leguminosas, sem as quais a civilização ocidental não teria se desenvolvido. A melhor alimentação trouxe mais saúde ao homem, que passou a viver mais, ter mais filhos, povoar a Europa e conquistar outros continentes.

A tecnologia aplicada na agricultura deu um salto espetacular após a Segunda Guerra Mundial. O aumento na demanda por alimentos levou o homem para os laboratórios. A produção cresceu e o desenvolvimento tecnológico voltou à produção de fibras, alimentos e energia, nunca mais parou.

Neste século, a busca por novas fontes de energia, limpas e renováveis, em substituição às fósseis, finitas e poluentes, é um desafio imposto a todos os países do mundo. Um desafio e uma oportunidade para o Brasil, que além do domínio da tecnologia, possui um imenso potencial de produção agrícola, mediante o uso racional de seus recursos naturais e a estreita observância da preservação ambiental. Uma resposta que começou com a crise do petróleo, na década de 70. O Brasil foi o país que desenvolveu o mais importante e eficaz programa de energia renovável do mundo. Com tecnologia 100% nacional desenvolveu o etanol para uso como combustível e como aditivo à gasolina, para a redução da emissão de gases po-

luentes. Um exemplo que serviu como guia para diversos outros países, entre os quais os Estados Unidos.

A busca da energia limpa e renovável não parou em todo o mundo. Na Europa o uso do biodiesel cresceu como alternativa ao diesel fóssil, o maior responsável pela poluição atmosférica nas grandes cidades. O biodiesel, que é o óleo vegetal transesterificado, ou seja, que utiliza metanol ou etanol na sua composição química, vem sendo apontado como uma alternativa ambiental e economicamente viável para diversos países.

Por ser o Brasil um potencial produtor de matéria prima renovável, soja e cana-de-açúcar, por exemplo, e com “know-how” tecnológico da produção e uso em grande escala do álcool combustível, o governo criou um Grupo de Trabalho Interministerial para estudar a viabilidade do biodiesel.

A resposta do trabalho foi extremamente animadora. Segundo o grupo, além da alternativa desejada à questão energética, o biodiesel contribuirá para a geração de empregos, renda e inclusão social. Pode significar a criação de mais de 1 milhão de empregos e a economia anual na não importação de diesel na ordem de US\$ 3,2 bilhões. O caminho está aberto, e a iniciativa privada pronta para fazer a sua parte.

No dia 21 de janeiro foi lançado em Piracicaba, SP, o Pólo Nacional de Biocombustíveis, Programa P&D&D – Brasil, que será coordenado pela ESALQ/USP.



Veículos em teste na USP de Ribeirão Preto



Unidade de produção de biodiesel pronta para entrar em funcionamento, no interior de São Paulo

O objetivo é ampliar a capacidade competitiva do Brasil na produção de energia renovável, por meio da interação de esforços público-privados no desenvolvimento de pesquisas, tecnologias, experimentações, demonstrações e difusão de resultados. Um trabalho que deverá se estender pelos próximos dez anos, preparando um plano efetivo de ações que envolverá o segmento de máquinas e equipamentos, diversas cadeias produtivas do agronegócio, como a sucroalcooleira, a das oleaginosas além do planejamento estratégico, com políticas públicas, gerenciamento e marketing.

Enquanto isso, Serrana, SP, cidade com 35 mil habitantes e berço do álcool combustível (1938), se antecipa. Em parceria com a universidade, ela se prepara para construir o primeiro programa modelo para a produção e uso do biodiesel no Brasil. Este trabalho é resultado do esforço do Projeto Biodiesel Brasil, que tem à frente o Departamento de Química da USP de Ribeirão Preto em parceria com outras universidades, entre elas a UNESP de Jaboticabal e a USP de São Carlos. A prefeitura

de Serrana doou um terreno para que seja instalada uma unidade de produção de biodiesel e um centro de inteligência, onde serão desenvolvidos projetos semelhantes.

O alcance deste piloto vai além da produção do biodiesel, como o próprio relatório interministerial afirma. O benefício social será significativo, principalmente no tocante à inclusão da agricultura familiar. Opinião compartilhada pelo coordenador do projeto em Ribeirão Preto, Prof. Dr. Miguel J. Dabdoub. Para ele o próximo passo será equacionar a questão agrícola, uma vez que a industrial já está em fase final de testes. Foi no Laboratório de Desenvolvimento de Tecnologias Limpas da USP/RP, que foi dominado o uso do processo de fabricação do biodiesel, usando álcool de cana-de-açúcar na mistura com o óleo vegetal. Por este processo a reação química acontece em 30 minutos, ao contrário do processo europeu, que usa metanol, e demora cerca de 6 horas.

Voltando a Serrana, e à questão social, o projeto piloto do biodiesel vai envolver um assentamento da cidade, onde estão 50 famílias. Com o apoio da UNESP de Jaboticabal será oferecida assistência agrônômica aos assentados,



Unesp de Jaboticabal usa trator movido a biodiesel

que produzirão três culturas: amendoim, girassol e mamona. O trator que será utilizado no assentamento já foi doado e é movido a biodiesel. Concomitantemente ao processo agrícola, e com o apoio de outras empresas, será construído um centro comunitário, para que além da assistência técnica os trabalhadores também extraiam o óleo, no próprio assentamento. Este óleo será transformado em biodiesel na unidade de produção da cidade, e retornará ao assentamento para ser usado no trator e na iluminação local. O projeto de Ribeirão Preto tem uma parceria firmada com uma indústria de geradores de energia elétrica do Paraná.

O Projeto Serrana não vai esperar recursos do governo para funcionar.



Locomotiva movida a biodiesel no Paraná

Ainda neste semestre o trabalho no campo terá início, e até o final do ano a unidade de produção estará funcionando. A parceria com a iniciativa privada vai propiciar à universidade a continuidade dos testes. Ao mesmo tempo, a potencialidade do uso do biodiesel na resolução dos problemas sociais será avaliada na prática.

Segundo o governo, na hipótese de utilização de 5% de biodiesel em todo o território nacional, seriam criados 45 mil empregos diretos, ao custo unitário de R\$ 4.900,00, sendo

que para cada posto criado no campo, outros 3 são gerados na cidade. Para o professor Dabdoub, a criação do Pólo em Piracicaba é louvável, porque ao congregarem os resultados já obtidos por outras instituições de pesquisa, evitar-se-á a duplicação de esforços e o desperdício de recursos. Maximização de resultados e minimização de custos.

Para citar alguns exemplos práticos da utilização do biodiesel, o professor lista uma série de parceiras com a iniciativa privada que levaram o produto para o dia-a-dia de muitas empresas: tratores estão trabalhando no campo usando o combustível; carros de duas montadoras já estão circulando pelas ruas; e no Paraná o biodiesel está sendo usado em locomotivas. Além disso, empresas de grande porte, como a maior montadora de motores diesel do Mercosul, estão testando o uso do biodiesel em várias misturas: B5, B10, B20, B30 e puro. Quanto ao melhor óleo usado nesta mistura, o professor Dabdoub é taxativo: “o melhor óleo é o que estiver disponível em abundância, que trouxer mais desenvolvimento social e regional, gerando riquezas e estabilidade”.

Ganha o meio ambiente. Ganha a sociedade. Ganha o Brasil.